

MARIA HELENA ANDRÉS

TRAJETÓRIA ARTÍSTICA



INSTITUTO
MARIA HELENA ANDRÉS

MARIA HELENA ANDRÉS

TRAJETÓRIA ARTÍSTICA

Maria Helena Coelho Andrés Ribeiro nasceu em 2 de agosto de 1922, em Belo Horizonte. Filha de Euler de Salles Coelho e Nair Barroca de Salles Coelho, Maria Helena desde cedo manifestou tendência artística, e o desenho fazia parte das suas horas de lazer. Iniciou essa atividade copiando, de revistas da época, fotos de artistas de cinema.

O interesse pelas letras também começou na adolescência. Seu pai, um advogado conceituado em Belo Horizonte, possuía uma grande biblioteca, o que facilitou o primeiro contato da artista com obras clássicas da literatura brasileira e internacional.



Fotos: José Carlos Motta Júnior

Joan Crawford, Errol Flynn e Greta Garbo, lápis s/ papel 32x23cm, 1936

Coleção da artista

Desenhos realizados antes de Maria Helena iniciar seus estudos em escolas de belas artes, aos 14 anos de idade.

Teve sua formação artística com Carlos Chambelland, no Rio de Janeiro; Alberto da Veiga Guignard e Edith Bhering, em Belo Horizonte; e Theodoros Stamos, em Nova Iorque.



Foto: arquivo da artista

Guignard, Amarílis Coelho, Maria Helena e Edith Bhering, Belo Horizonte, 1954

Em sua trajetória artística, várias fases se manifestam. A artista parte da realidade exterior para a realidade interior, em que predomina o imaginário e o desconhecido. Seu itinerário seguiu seu processo de vida e, hoje, refletindo sobre sua trajetória, Maria Helena constata que, da década de 40 à de 80, podem ser percebidas diferentes fases em sua obra: *Da Figura ao Abstrato; Barcos; Guerra; Espacial; Mandalas*.

Na fase *Da Figura ao Abstrato* (décadas de 40 e 50), predominam em seus trabalhos elementos do seu próprio cotidiano. Essa pode ser subdividida em três séries: figurativa, linha contínua e construtivista.



artista

Fotos: arquivo da

Retrato de Luiz e Autorretrato, lápis s/ papel, 29x34cm e 29x41cm, 1945
Coleção da artista

Guignard teve uma influência marcante no desenvolvimento da artista, de 1944 a 1947, anos em que Maria Helena foi sua aluna na primeira sede de sua escola, no Parque Municipal de Belo Horizonte. Ele lhe ensinou utilizar o lápis duro em desenhos, desenvolvendo o olhar, sem seguir regras ou fórmulas acadêmicas.

O exemplo de Guignard, que valorizava ao mesmo tempo a disciplina e a liberdade no fazer artístico, tem sido referência para as experiências de Maria Helena como arte-educadora ao longo de toda a sua trajetória profissional.

“Os caminhos da arte são os caminhos da vida, porque arte e vida não se separam. Minha família foi, nessa época, um centro gerador de energia, numa ligação profunda com a terra, as raízes e o meio ambiente.”

1943

- IV Salão Municipal de Belas-Artes – Belo Horizonte
Prêmio de Desenho e Pastel
- XLIX Salão Nacional de Belas-Artes – Rio de Janeiro
Menção Honrosa

1944

- V Salão Municipal de Belas-Artes – Belo Horizonte
Prêmio de Desenho

1945

- VI Salão Municipal de Belas-Artes – Belo Horizonte
Menção Honrosa



Foto: Maurício Andrés Ribeiro

Lavadeira, pastel s/ papel, 44x28cm, 1945
Coleção Artur Andrés e Regina Amaral

1947

- 1ª Exposição individual
Associação de Cultura Franco-Brasileira – Belo Horizonte

1948

- LII Salão Nacional de Belas-Artes – Rio de Janeiro
Menção Honrosa

1950

- Salão do Estado de Minas Gerais – Belo Horizonte
Grande Prêmio



Foto: Adriana Moura

Menina e Papagaio, óleo s/ madeira, 49x37cm, 1950
Coleção Marília Andrés

1951

- LVI Salão Nacional de Belas Artes – Rio de Janeiro
Medalha de Bronze
- I Bienal Internacional de São Paulo



Foto: Mauricio Andrés Ribeiro

Domingo no Parque, óleo s/ madeira, 40x50cm, 1950
Coleção Euler Andrés e Iara Rolim

1952

- I Salão Nacional de Arte Moderna – Rio de Janeiro
Certificado de Isenção de Júri – Medalha de Prata

1953

- II Salão Nacional de Arte Moderna – Rio de Janeiro
Prêmio de Aquisição



Foto: Adriana Moura

Duas Figuras, óleo s/ madeira, 44x58cm, 1952
Coleção Eliana Andrés

- II Bienal Internacional de São Paulo



Foto: José Carlos Motta Júnior

S/ título, óleo s/ tela, 46x56cm, 1953
Coleção Delcir e Regina da Costa

A passagem da figura ao abstrato pode ser exemplificada pela comparação entre uma aquarela de boizinhos e desenhos posteriores sobre o mesmo tema.

O desenho da artista, a partir da observação da realidade externa, se foi transformando em expressões subjetivas, até chegar à forma abstrata em linha contínua. A partir daí, surgiram vários desenhos em nanquim, inclusive alguns que refletiam sua formação católica, como as *Cenas de Via Sacra*.



Fotos: arquivo da artista

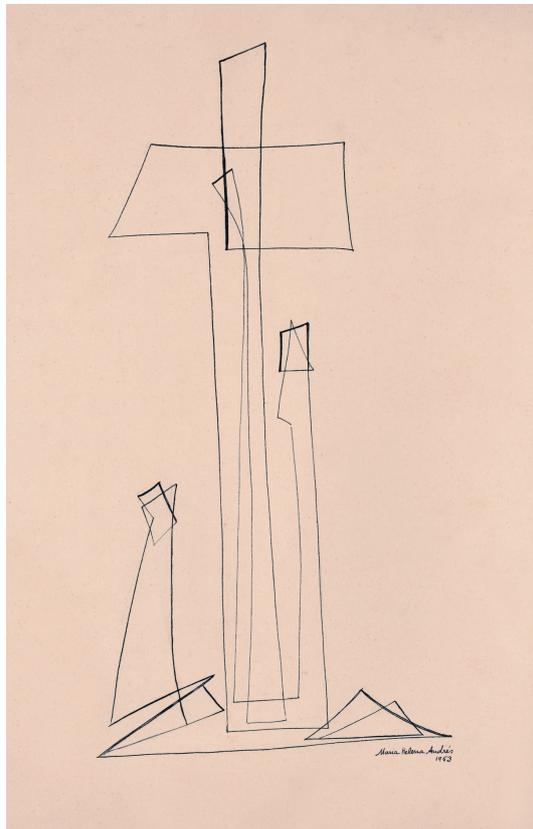
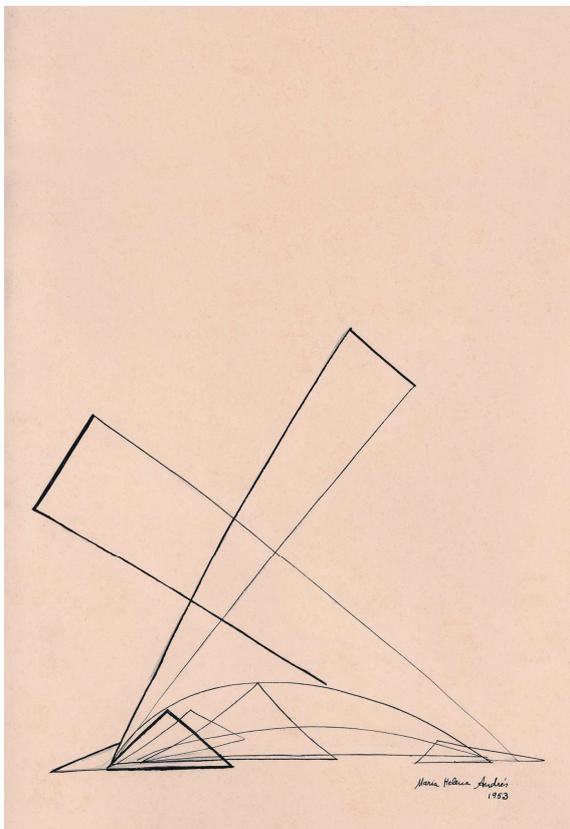
Boizinhos, aquarela s/ papel, 21x28cm, 1948; nanquim s/ papel, 13,5x15,5cm, 1951; nanquim s/ papel, 21x24,5cm, 1953
Coleção da artista

Em 1953, o crítico de arte Antônio Bento, referindo-se a uma exposição realizada pela artista no Rio de Janeiro, salientou:

A artista procura agora estruturar suas composições dentro de ritmos ou de combinações de formas e cores menos estereotipadas que as concretas já conhecidas. E sabe desenhar com segurança, como pode se verificar pela série da *Via Sacra*. Alguns desses desenhos possuem uma grande pureza linear. E são, ao mesmo tempo, de uma qualidade arquitetônica irrecusável. Lembram esculturas de fios de ferro, pela nitidez com que se erguem no espaço, parecendo feitas para uma vida mais transcendente que a do simples desenho em preto e branco.¹

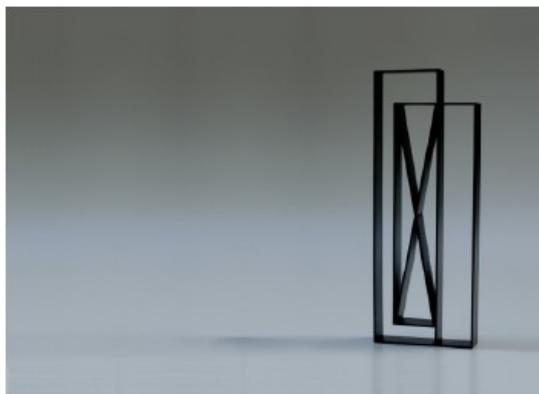
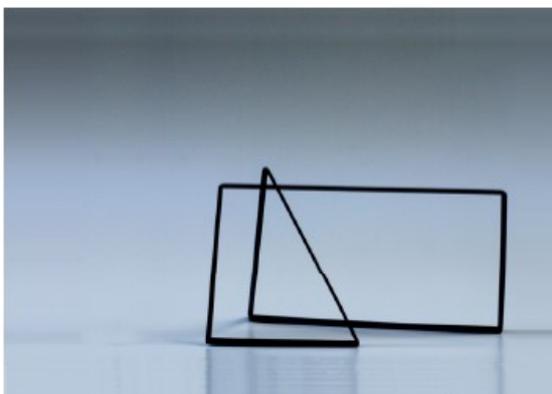
¹ BENTO, Antônio. Maria Helena Andrés. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 7 set. 1953.

Esse comentário significou uma motivação para o desenvolvimento de esculturas, a mais recente forma de expressão da artista, que vem sendo realizada desde 2004.



Fotos: arquivo da artista

Cenas de Via Sacra, nanquim s/ papel, 35x25cm e 35x24,5cm, 1953
Coleção da artista



Fotos: José Carlos Motta Júnior

Boizinho, escultura em aço, 16x28x16cm, 2004; *Duas Figuras*, escultura em aço, 40x15x4cm, 2004
Coleção da artista

1955

- III Bienal Internacional de São Paulo

“O desenho rápido linear ia me conduzindo à essência da forma. Um dia, a cruz da via sacra se transformou num poste de luz, e surgiram as cidades iluminadas”.

O final da primeira fase, constituída de desenhos e pinturas construtivistas e que teve seu ápice com a criação das *Cidades Iluminadas*, foi marcado por uma extrema disciplina, quando linhas e formas geométricas surgiam de uma experiência racional e ao mesmo tempo “musical”.

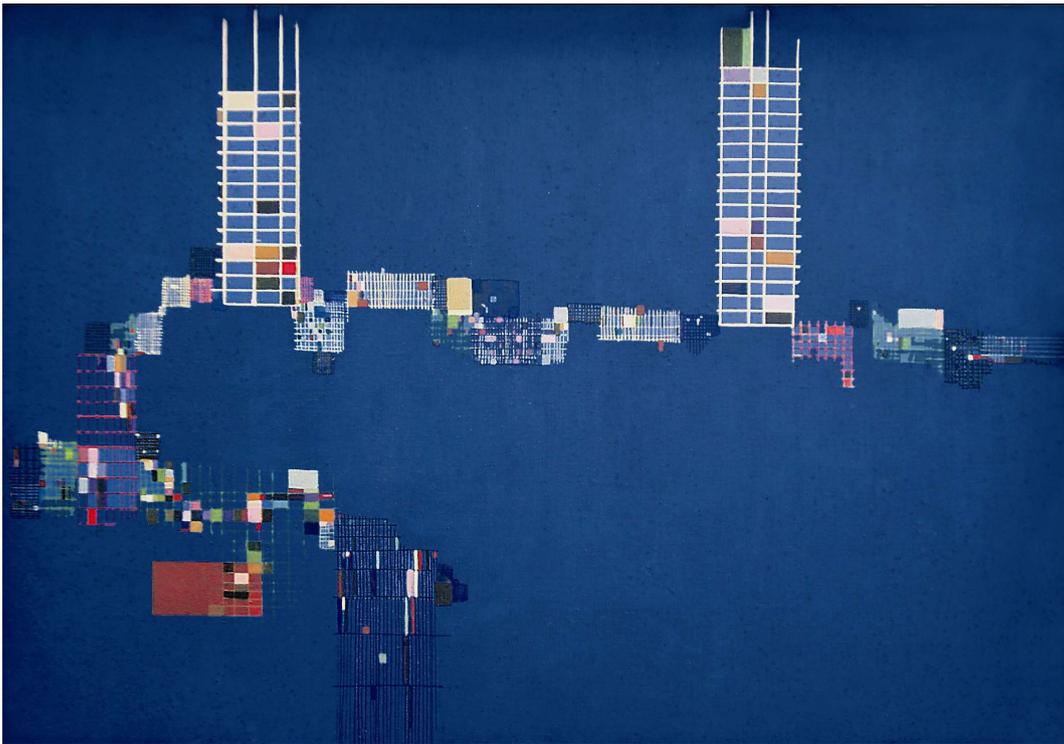


Foto: Maurício Andrés Ribeiro

Cidade iluminada, óleo s/ tela 49x72cm, 1956
Acervo do Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro

Fernando Cocchiarale situa a importância dessa artista no contexto da arte construtivista no Brasil:

Uma das pioneiras do Construtivismo em Minas Gerais, integrou, na década de 50, com Mário Silésio, Marília Giannetti Torres e Mary Vieira, o núcleo de artistas mineiros adeptos dessa nova tendência no país. Isto, no mesmo período em que a arte construtiva se consolidava no Rio de Janeiro e em São Paulo, então centros hegemônicos absolutos da cultura brasileira. Se a sincronia de Minas Gerais com as questões de ponta da cultura brasileira do período pode ser mensurada pela obra desses artistas, pelas mesmas razões podemos inscrever Andrés como uma das personagens essenciais de um dos momentos mais ricos, dinâmicos e profícuos da arte brasileira de todos os tempos.²

1957

- Mostra coletiva itinerante *Artistas Brasileiros*, organizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – Montevidéu, Buenos Aires, Santiago, Lisboa, Madri e Munique (1957 / 1959)

1958

- VII Salão Nacional de Arte Moderna – Rio de Janeiro
Prêmio de Aquisição

1959

- V Bienal Internacional de São Paulo
- XIV Salão Municipal de Belas-Artes – Belo Horizonte
Prêmio de Desenho
- Retrospectiva
Maria Helena Andrés, Museu de Arte de Belo Horizonte

1960

- XV Salão Municipal de Belas-Artes – Belo Horizonte
Prêmio de Desenho

1961

- VI Bienal Internacional de São Paulo
Certificado de Isenção de Júri

² COCCHIARALE, Fernando. Apresentação. In: LOPES, Almerinda da Silva. *Maria Helena Andrés*. Belo Horizonte: C/Arte, 2004.

1961/1962

- Exposições individuais organizadas nos Estados Unidos pelo Consulado Geral do Brasil e pela Secretaria-Geral da Organização dos Estados Americanos, em Washington, Nova York, Seattle e Santa Fé



1962

- XVII Salão de Belas-Artes – Belo Horizonte
Prêmio Sesc

1963

- VII Bienal Internacional de São Paulo
- Exposições individuais organizadas no Chile pela Embaixada do Brasil, na Galeria de Arte do Centro Brasileiro de Cultura, de Santiago, e Galeria do Centro Chileno - Brasileiro de Cultura, de Valparaíso e Viña del Mar

As fases *Barcos*, *Guerra* e *Espacial* situam-se nos anos 1960-1970.

A fase *Barcos* significou o primeiro toque de espontaneidade, do movimento livre e gestual, início de uma tendência marcante em todos os trabalhos posteriores de Maria Helena. O símbolo da cruz continuava presente nos mastros dos veleiros.

“Foi necessário que a cruz mergulhasse nas águas, para dali surgir o primeiro barco”.

Há uma forma que se pode dizer constante na obra de Maria Helena: os barcos. Os barcos, sugeridos muitas vezes por entre formas abstratas e nos quadros dados como informais, podem levar-nos a uma série de interpretações. Maria Helena admite uma necessidade de viagem, de descobrir novos mundos, que ela sempre alimentou. Há uma longa fase de pintura em que os barcos, navios, se tornaram bastante visíveis. Depois, por volta de 1964, ela passou a figurar máquinas voadoras hoje cristalizadas numa pintura que se pode chamar de “figuração científica”, pois reflete a preocupação da artista pelos últimos acontecimentos da “era espacial”: os cosmonautas chegando à lua. Toda esta pintura reflete um temperamento sonhador, talvez um tanto romântico, com projeção de estado oníricos. Mas houve uma fase dramática em que a artista, consciente de seu tempo, documentou a guerra com muitas de suas implicações. Esta pintura se torna mais dramática porque, junto a formas abstratas, ela usou de colagens realistas, marcando fortemente esta atmosfera de caos e tragédia em que vivemos.³

³ SAMPAIO, Márcio. Maria Helena Andrés: Arte vivida dia a dia, *Revista Minas Gerais*, n. 1, Belo Horizonte, mar.- abr. 1969.



Foto: Adriana Moura

Embarcação, óleo s/ tela, 65x100cm, 1963
Coleção Artur Andrés e Regina Amaral
XX Bienal Internacional de São Paulo (Sala Especial – *Pintura Abstrata. “Efeito Bienal”, 1954-1963*), 1989

“Relaciono os desenhos de barco às viagens. São aberturas para seguir o desconhecido que existe dentro de nós. Esse espírito de aventura é a bússola que, de certo modo, nos conduz pelo oceano da vida.”

1965

- Direção da Escola Guignard – Belo Horizonte

1966

- Publicação de *Vivência e Arte*
Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro



Paralelamente ao seu processo artístico, Maria Helena se interessava pelas mensagens de vários pensadores cristãos, como Thomas Merton, Teilhard de Chardin, Jacques Maritain, Santa Tereza D'Ávila e São João da Cruz.

O livro *Vivência e Arte*, com prefácio de Alceu Amoroso Lima, foi um dos resultados dessa fase de reflexões sobre o próprio processo artístico e de estudos sobre história da arte e filosofia cristã.

Naquela época, Clarival do Prado Valladares já reconhecia o talento de Maria Helena, também como escritora:

Não se exige de um artista plástico o talento de redigir com clareza o que ocorre em seu mundo interior de vivência estética. Às vezes, entretanto, acontece esta maravilhosa casualidade, este dualismo, do pintor ser também escritor. Então eles nos legam textos que se tornam preciosos porque iluminam direções e espaços, motivos e razões, anseios e reflexões que não são os nossos.⁴

⁴ VALLADARES, Clarival do Prado. Apresentação do catálogo *Maria Helena Andrés*, referente à exposição da artista na Galeria Goeldi, Rio de Janeiro, set. 1965.

A fase *Guerra* refletia a situação política do Brasil a partir de 1964. Maria Helena nos mostra em seus trabalhos o aspecto destrutivo da vida, com uma intensa força de expressão que surgia contra as ações de repressão e violência impostas pelos governantes militares.

“Meus quadros dessa fase significavam uma denúncia à opressão e ao medo”.



Foto: Adriana Moura

Guerra, nanquim s/ papel, 64x94cm, 1969
Coleção Antônio Eugênio de Salles Coelho e Renata Guerra

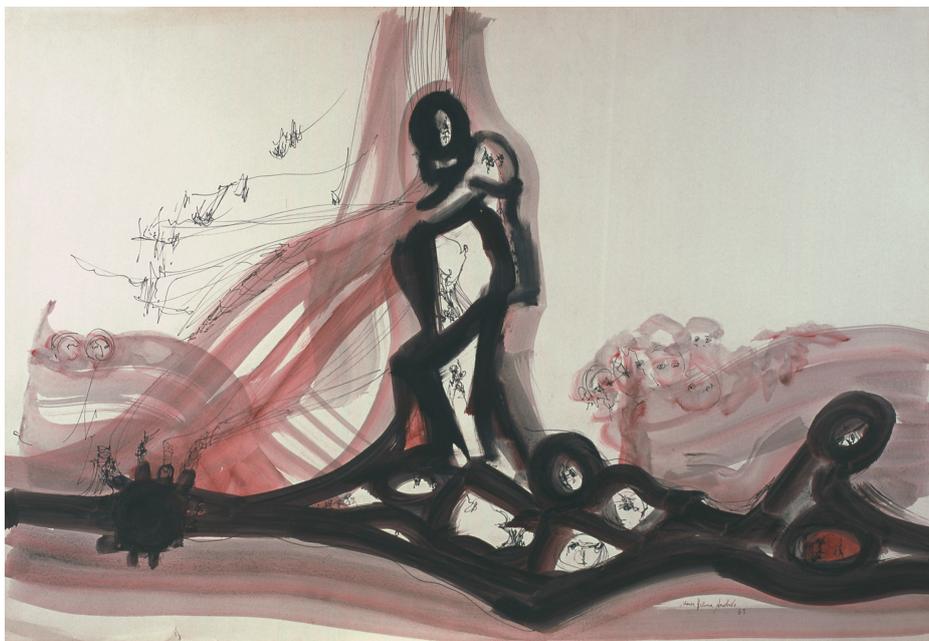


Foto: Adriana Moura

Guerra, nanquim s/ papel, 68x98cm, 1969
Coleção da artista

1967

- Exposição no Brazilian American Cultural Institute – Washington DC, EUA



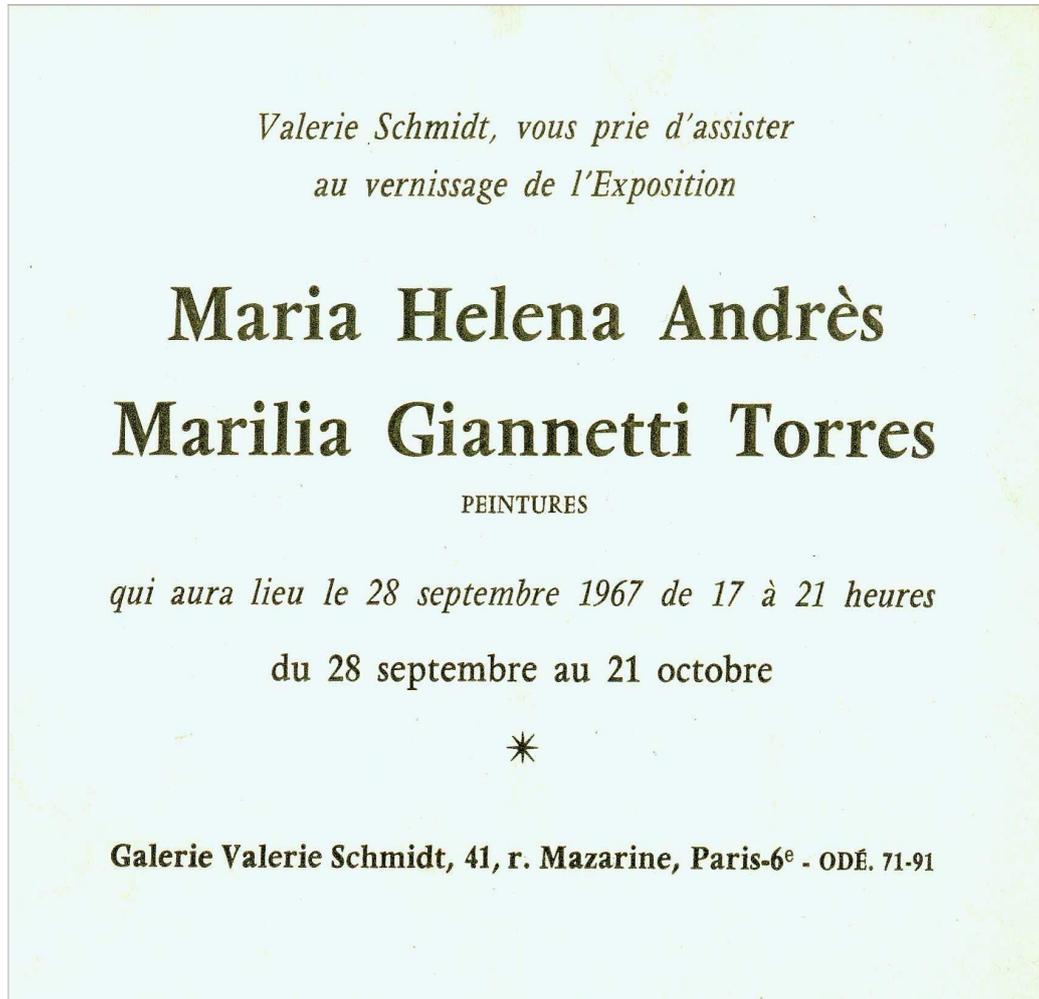
Foto: arquivo da artista

Maria Helena, Mrs. Phillips e Marcel Hasslocher, na exposição da artista em Washington, 1967

Mrs. Duncan Phillips, então proprietária de uma das maiores coleções de arte moderna dos E.U.A., The Phillips Collection, compareceu pessoalmente à exposição de Washington, tendo adquirido um quadro dessa fase para o seu acervo.

- IX Bienal Internacional de São Paulo
- I Salão de Ouro Preto
Sala Especial, Reitoria da UFMG – Belo Horizonte

- Exposição na Galerie Valerie Schmidt – Paris, França



1968

- Exposição na Galleria d'Arte della Casa do Brasil – Roma, Itália

As *Madonas*, pinturas da Virgem Maria com Jesus, significavam uma transição entre as fases *Guerra e Espacial*.



Foto: Maurício Andrés Ribeiro

Madona, óleo s/ tela, 52x42cm, 1966
Coleção Helena Machado Hermeto

“As primeiras madonas eram agressivas, guerreiras, para depois tomarem as direções dos céus, anunciando a fase dos astronautas. As madonas foram uma ponte entre a terra e o céu, entre a guerra e a paz”.

1969

- Exposição na Galeria Copacabana Palace – Rio de Janeiro

Na fase *Espacial*, os quadros de Maria Helena transmitem nitidamente a dimensão humana microcós mica diante dos grandes espaços interplanetários.

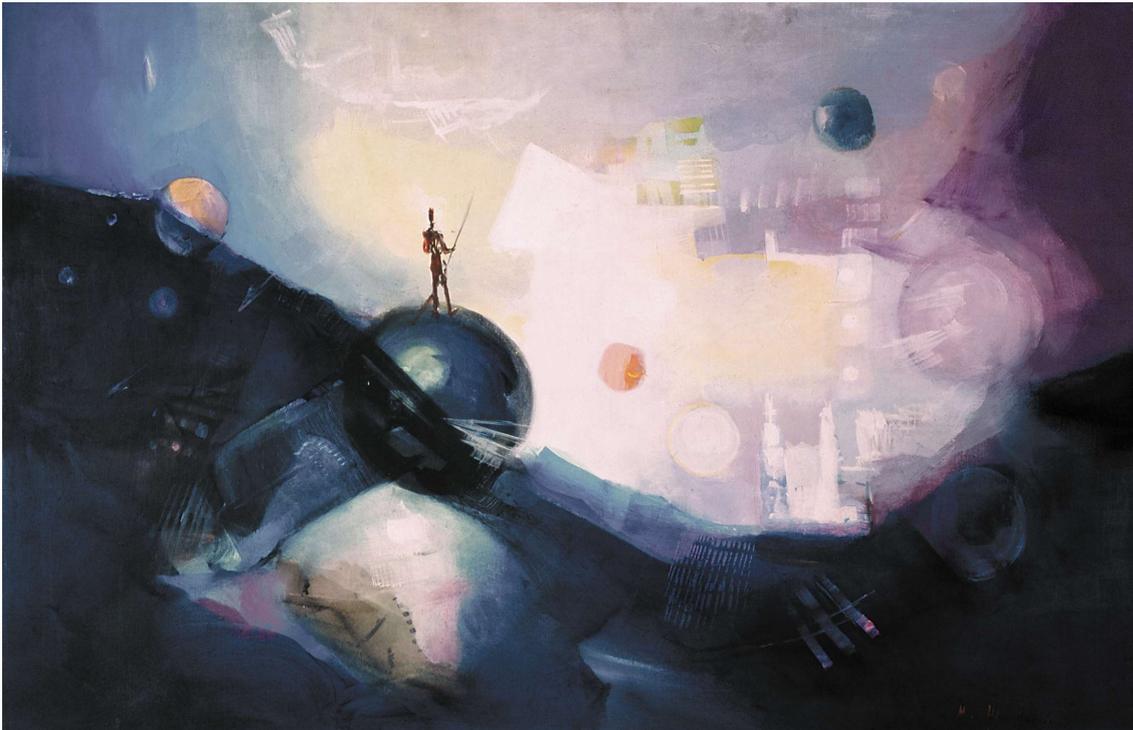


Foto: Adriana Moura

Dom Quixote no Espaço, acrílica s/ tela, 66x100cm, 1973
Coleção Cristina Veloso

“Viajar sempre foi uma constante na minha vida e na minha arte. Conhecer outros povos, vivenciar semelhanças, conscientizar-me da dimensão do planeta, vê-lo à distância me faz perceber o mundo como uma só e única família”.



Foto: Cecília Figueiredo

Viagem Interplanetária, acrílica s/ tela, 80x120cm, 1969
Coleção Maurício e Aparecida Andrés

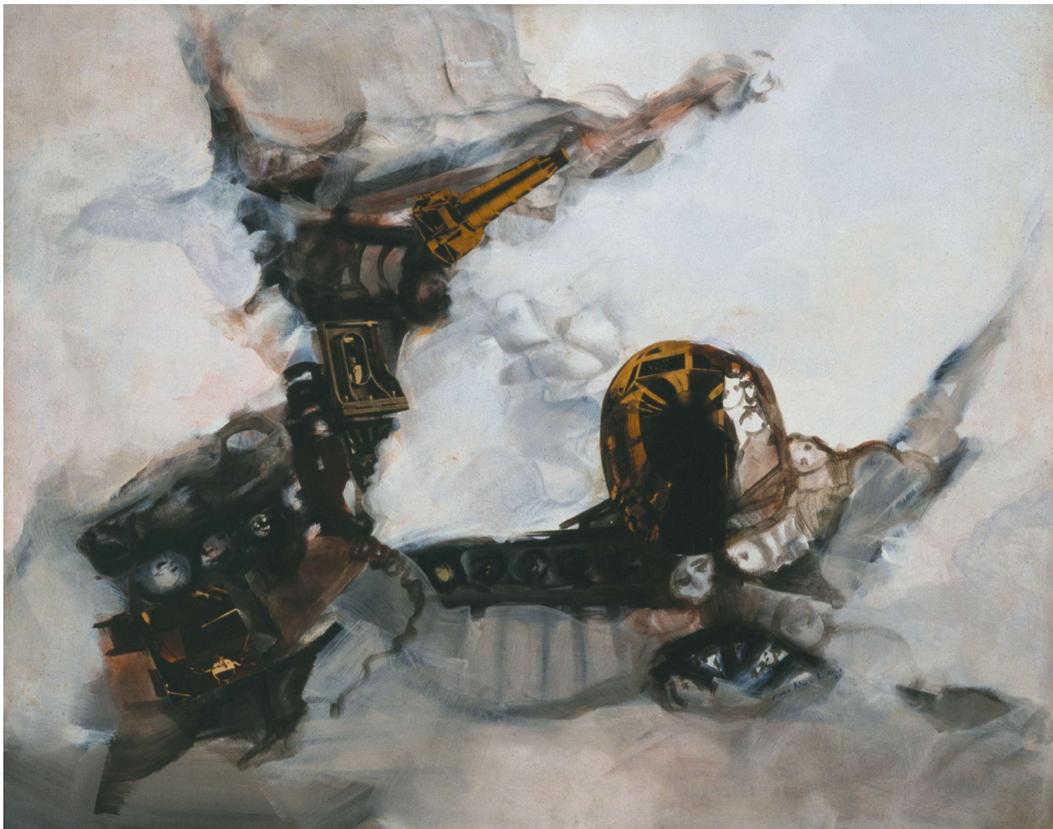


Foto: Maurício Andrés Ribeiro

Plataforma Espacial, acrílica e colagem s/tela, 80x100cm, 1967
Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo

A experiência com Tapeçarias surgiu no final dos anos 60, entre as fases *Espacial* e *Mandalas*, a convite de Maria Ângela Almeida Magalhães, que dirigia o Artesanato Guanabara, no Rio de Janeiro. A partir de pequenos desenhos da artista, ampliados em várias dimensões, as tapeçarias eram executadas o mais próximo possível das cores e formas originais.

O maior conjunto de tapeçarias está exposto na Igreja Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro.



Foto: José Carlos Motta Júnior

S/ título, tapeçaria, 146x190cm, 1970
Coleção Mário Ribeiro de Oliveira

“Novas experiências surgiram no meu caminho. A marcha do individual para o coletivo tornou-se uma necessidade. Tomei consciência de que a arte distribuída a uma equipe, quer se trate de cinema, teatro, música, mural ou tapeçaria, ganha riqueza e monumentalidade com a união de várias forças. Interessei-me pela tapeçaria pensando nos grandes espaços”.

1970

- 1ª Viagem à Índia



Foto: Mauricio Andrés Ribeiro

Maria Helena em frente às grutas de Ellora, Índia, 1978

1972

- Ilustração de *O Quinto Lótus*, de autoria de Célia Laborne Tavares
Imprensa Oficial de Minas Gerais – Belo Horizonte

1973

- XII Bienal Internacional de São Paulo
Sala Especial – *Arte Construída*
- Homenagem
Insígnia da Inconfidência - 21 de abril – Ouro Preto

1974

- Retrospectiva
Três décadas de Maria Helena Andrés
Museu de Arte da Pampulha – Belo Horizonte
- VI Salão Nacional de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte
Prêmio Prefeitura de Belo Horizonte

A partir do início dos anos 70, Maria Helena interessou-se pelas filosofias e práticas orientais, integrando ao seu dia a dia a leitura de autores como Wassily Kandinsky, Alan Watts, Lao Tsé, Swami Vivekananda, Sri Ramana Maharshi, Jiddu Krishnamurti, entre outros.

“O Oriente me influenciou por sua filosofia, que valoriza a intuição e a abertura de consciência. Comecei a sentir a unidade que existe entre os grandes pensadores e místicos do Oriente e do Ocidente”.

1977

- Publicação da 1ª edição de *Os Caminhos da Arte*
Editora Vozes, Petrópolis

Em *Os Caminhos da Arte*, a artista apresenta vários tópicos, tais como a arte moderna como forma de descondicionalidade em relação ao passado; a influência crescente das filosofias orientais no Ocidente a partir da segunda metade do século XX; os novos caminhos da arte e a importância das novas tecnologias e dos meios de comunicação, que vêm ampliando a visão do mundo nos dias atuais.



A autora nos mostra como a arte do momento desce dos museus e galerias e deixa de ser privilégio das elites, para ajudar na humanização do nosso cansado e violento mundo materialista. Enfatiza a importância da criatividade estendida à vida, bem como a busca de novos valores baseados na simplicidade e no respeito à natureza.

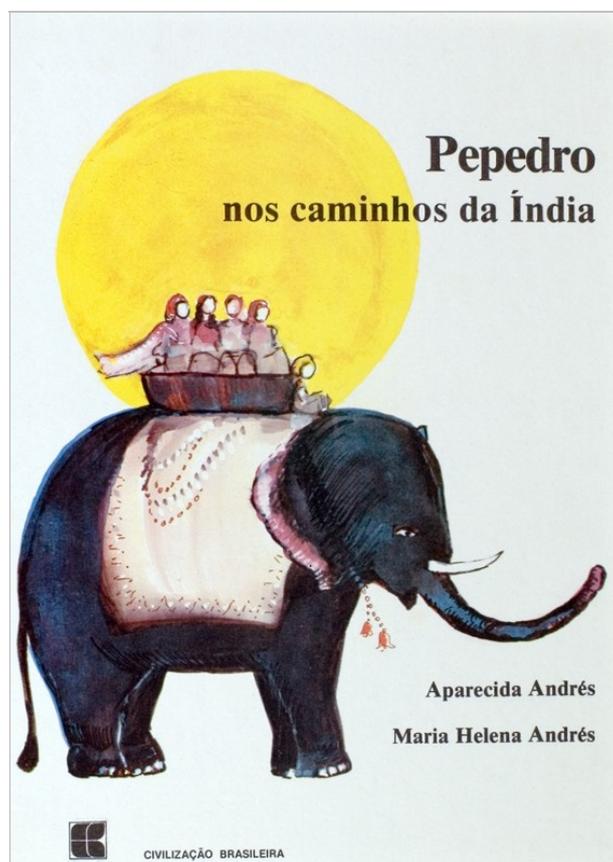
Pierre Weil, no prefácio de *Os Caminhos da Arte*, refere-se à mensagem da artista como um convite à reflexão, não somente para os artistas ou apreciadores da arte, mas para todos os que se interessam pelo desenvolvimento da consciência humana.

1978

- Homenagem
Sociedade Amigas da Cultura – Belo Horizonte

1983

- Publicação da 1ª edição de *Pepedro nos Caminhos da Índia* Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro



Frederico Moraes menciona no jornal *O Globo* o lançamento da primeira edição de *Pepedro nos Caminhos da Índia*:

Escrito por Aparecida Andrés, foi belissimamente ilustrado por Maria Helena Andrés, ambas, a escritora e a pintora, mineiras, com larga experiência da Índia, onde já estiveram várias vezes por longas temporadas. Destinado a um público infantil ou infanto-juvenil, o livro, pela qualidade poética do texto e por sua rica visualidade, interessa, na verdade, a qualquer público.⁵

⁵ MORAIS, Frederico. Artes Plásticas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1983.

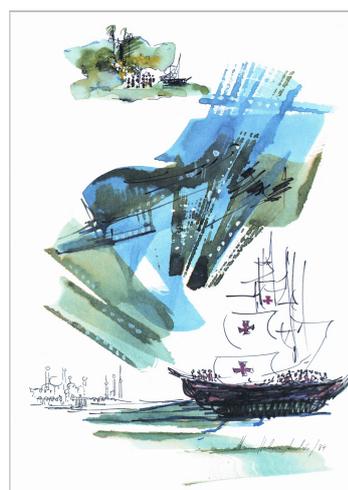
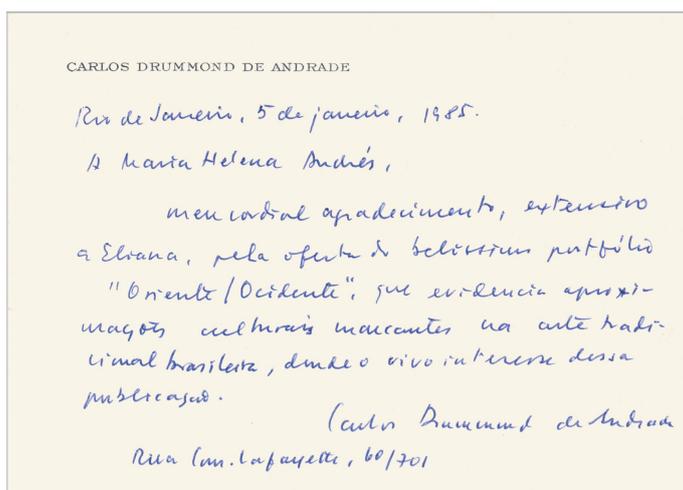
- Palestra: *Brasil e Índia / Semelhanças Culturais*
III Congresso Indo-Português – Panjim, Goa, Índia

Maria Helena foi convidada pelo Indian Council for Cultural Relations a apresentar-se também em Chennai, Bangalore e Delhi.



1984

- Publicação do álbum *Oriente/Ocidente – Integração de Culturas*
Empresa de Engenharia Morrison – Knudsen



Bilhete de Carlos Drummond de Andrade para Maria Helena, 1985, arquivo da artista

Ilustração para *Oriente/Ocidente – Integração de Culturas*, aquarela s/ papel, 39x29cm, 1984

A fase *Mandalas* reflete o processo de busca do próprio universo interno, a intensificação da leitura de pensadores orientais e o contato direto com a fonte dessas filosofias nas viagens à Índia. Nos quadros dessa fase, havia sempre formas circulares que sugeriam mandalas. Esse período, que corresponde às décadas de 70 e 80, significou o início da temática cósmica, tendência que tem sido, desde então, constante e predominante em sua expressão artística.

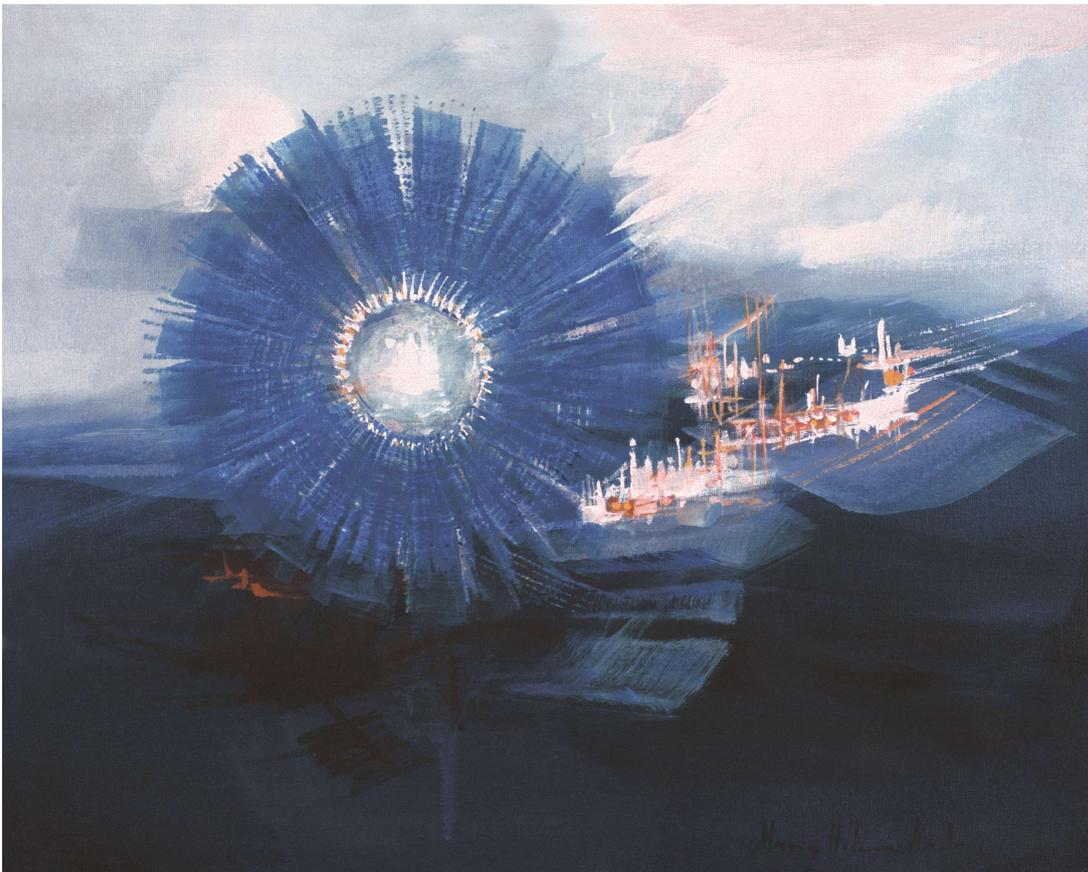


Foto: Adriana Moura

Mandala Azul, acrílica s/ tela, 40 x 50 cm, 1982
Coleção Ivana Andrés

“Essa forma simbólica apareceu em minha pintura espontaneamente, gerada por uma necessidade de voar mais alto, por regiões desconhecidas, a fim de descobrir meu universo externo e interno”.

1984

- Realização do painel *Energia em Movimento* para a Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG) – Belo Horizonte



Foto: Maurício Andrés Ribeiro

Energia em Movimento, acrílica s/tela, 140x540cm, 1984
Acervo Cemig

1985

- Realização do painel *Plataforma Espacial* para o Aeroporto Internacional Tancredo Neves, Confins, MG



Foto: Maurício Andrés Ribeiro

Plataforma Espacial, acrílica s/tela, 195x956cm, 1985
Acervo Aeroporto Internacional Tancredo Neves

1986

- Palestrante no II Congresso de Cultura Afro-Asiática Casa de Cultura Japonesa, USP – São Paulo

1987

- Exposição na Casa do Brasil – Madri, Espanha
- Homenagem
Medalha do Mérito Alvorada – Brasília
- Ilustração de *Ondas à Procura do Mar*, de autoria de Pierre Weil
Livreria Agir Editora, Rio de Janeiro

1988

- Ilustra *Caminhos de Luz*, de autoria de Célia Laborne Tavares
Imprensa Oficial de Minas Gerais, Belo Horizonte

1989

- XX Bienal Internacional de São Paulo
Sala Especial: *Pintura Abstrata. Efeito Bienal, 1954-1963*

1991

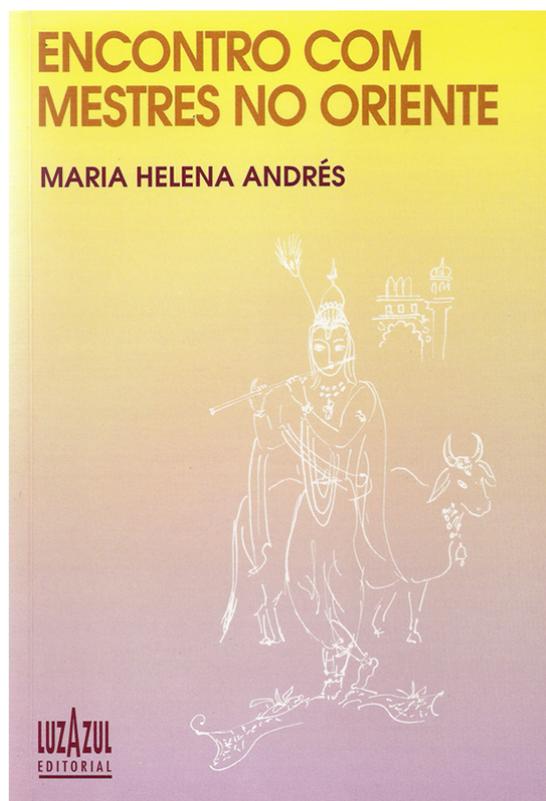
- Homenagens
Prêmio Mulheres de Minas – Prefeitura de Belo Horizonte
Medalha de Ouro Santos Dumont – Santos Dumont, MG
- Palestrante no Congresso Internacional
Um Novo Olhar na Nova Era – Rio de Janeiro
- Palestrante no II Congresso Holístico Internacional, UFMG – Belo Horizonte

Em suas viagens à Índia, Maria Helena visita diferentes centros artísticos, instituições e comunidades espiritualistas. Torna-se amiga de Rukmini Devi, fundadora do Kalakshetra, uma famosa escola de dança do sul do país, e é convidada a lecionar desenho. Seu constante interesse por arte e educação levou-a a visitar várias vezes as escolas do KFI (Krishnamurti Foundation Índia) e também aquelas pertencentes ao Sri Aurobindo Ashram.

Mantendo-se sempre coerente com sua visão holística de vida, Maria Helena, sempre respeitou diversas organizações espiritualistas, considerando-as como diferentes caminhos que conduzem o ser humano a uma maior compreensão de si mesmo e de suas origens cósmicas.

1993

- Publicação de *Encontro com Mestres no Oriente*
Editora LuzAzul, Belo Horizonte
- Palestrante no IV Congresso Holístico Internacional –
Salvador, Bahia



O escritor Autran Dourado refere-se a *Encontro com Mestres no Oriente* como um “pequeno grande livro”:

O resultado destas demoradas e constantes viagens ao Japão, Índia, Nepal e Tailândia, e a tantos perdidos lugares do mundo, como Goa, onde conviveu e conversou com grandes mestres do pensamento oriental, é *Encontro com Mestres no Oriente*, pequeno guia artístico-cultural, que, apesar da singeleza, é uma profunda meditação espiritual e, acredito, muito ajudará perdidas mentes ocidentais a se encontrarem consigo mesmas.⁶

⁶ Trecho da carta de Autran Dourado a Carmen Balcells, Rio de Janeiro, 12 dez. 1995.



Foto: Euler Andrés Ribeiro

Bhagavad Gita, nanquim s/ papel 12x38,5cm, 1993

Coleção Eliana Andrés

“Os ensinamentos orientais não me acenavam como uma nova religião, mas significavam a redescoberta de conhecimentos que já existiam dentro de mim. Esses ensinamentos não são privilégios de um só país ou de uma só raça. Eles existem dentro de todo ser humano e estão guardados no silêncio da nossa consciência”.



Foto: Arquivo da artista

“O interesse pela Índia, de certa forma, me afastou da necessidade de me promover como artista plástica. Recusei vários convites para exposições individuais, embora nunca tenha parado de pintar”.

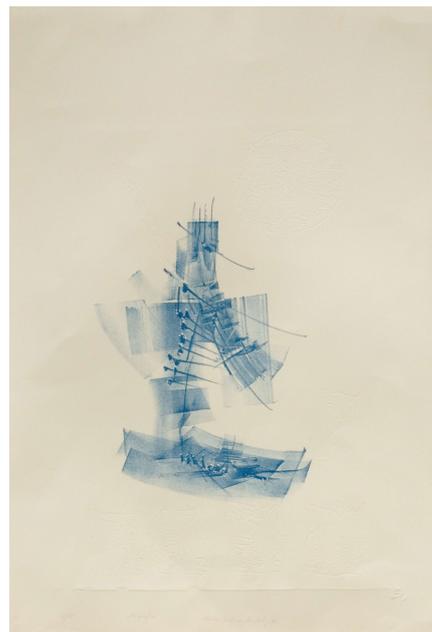
O sucesso no mercado de arte nunca foi prioridade na sua carreira profissional. Suas diferentes formas de expressão artística acompanham seu processo de vida, sempre impulsionado por necessidades e buscas internas.

A partir da década de 90, passa a integrar todas as fases anteriores, num processo de síntese que não pode mais ser considerado como fase.

Dos anos 1990 até 2004, Maria Helena realizou uma série de litografias no ateliê de Thaís Helt e uma série de trabalhos em preto e branco, que revelam sua busca da essência gestual e dialogam com a caligrafia chinesa. Esse é o momento de síntese e de releituras de trabalhos que emergiram em fases anteriores.⁷



S/título, litografia, 48x33cm, 1993
Coleção Elena Andrés Valle



Fotos: José Carlos Motta Júnior

S/título, litografia, 69,5x48cm, 1990
Coleção da artista

⁷ RIBEIRO, Marília Andrés. Cronologia. In: LOPES, Almerinda da Silva. *Maria Helena Andrés*. Belo Horizonte: C/Arte, 2004, p. 143.

1994

- Retrospectiva
Maria Helena Andrés, 1944-1994
Palácio das Artes – Belo Horizonte
- Bienal Brasil Séc. XX – Fundação Bienal de São Paulo
Sala Especial: *As Abstrações*

Nas décadas de 80 e 90, reunia pequenos grupos para realizarem o que ela denominava “pintura coletiva”, unindo experiências vivenciadas na Índia com a espontaneidade da arte contemporânea.

Também proferiu palestras e coordenou workshops em vários congressos promovidos pela Universidade Holística Internacional de Brasília. Tendo como roteiro as propostas do livro *Os Caminhos da Arte*, os workshops reuniam, muitas vezes, grupos de mais de cem pessoas para realizarem trabalhos artísticos, sem finalidade comercial. A atividade final era considerado uma celebração, quando todos participavam de uma obra única, em que se enfatizava o processo, a quebra da dualidade entre os integrantes, o que os despertava para um novo comportamento, mais consciente e solidário.

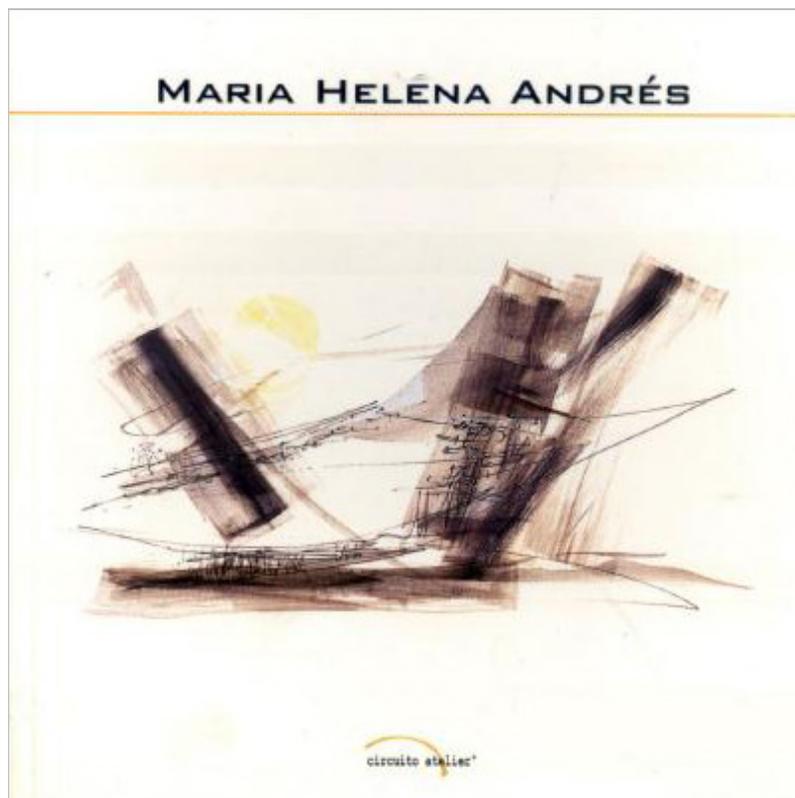
1997

- *Homenagem Filhos Ilustres BH – 100 anos*
Fundação Cultural dos Professores do Estado de Minas Gerais – Belo Horizonte

1998

- Publicação do livro *Maria Helena Andrés*
Série Circuito-Atelier
Editora C/Arte, Belo Horizonte

Com desenhos de suas várias fases, o livro-depoimento *Maria Helena Andrés* mostra a trajetória profissional e pessoal da artista.



2000

- Publicação da 2ª edição de *Os Caminhos da Arte*
Editora C/Arte, Belo Horizonte

2002

- Ilustra *Rio das Velhas – Memórias e Desafios*, de autoria de Marco Antônio Coelho
Editora Paz e Terra, São Paulo

2004

- Publicação do livro *Maria Helena Andrés*
Editora C/Arte, Belo Horizonte

A publicação *Maria Helena Andrés*, com texto analítico da historiadora Almerinda Lopes, apresentação do crítico de arte Fernando Cocchiarale e cronologia de Marília Andrés Ribeiro, contém a trajetória de Maria Helena como artista plástica.



Desde 2004 Maria Helena têm desenvolvido trabalhos junto a uma equipe de profissionais, que integram seu atelier.

Esculturas de formas geométricas e orgânicas tem sido executadas não somente a partir de desenhos atuais e de maquetes, criadas pela própria artista, mas também tendo como referência desenhos da década de 1950, de sua fase concretista

Agnaldo Farias descreve essa mais recente forma de expressão da artista:

Os desenhos fechados, série de quadriláteros enunciados exclusivamente pelas arestas, linhas que se resolvem em ângulos e quadriláteros irregulares, sobrepostos entre si, revelam-se enfim formas retráteis: transpostos para o ferro, as linhas saltam no espaço, volumetizam-se, despacham-se no espaço abraçando-se ao ar. Na qualidade de esculturas perdem a univocidade permitida por sua leitura no plano de papel. Postos no espaço, passíveis de serem observados a partir de ângulos variáveis, cada único desenho converte-se agora em vários, tanto quanto os pontos de vista de alguém que se desloca ao seu redor. Cada escultura é, portanto, um desenho plural, prova conclusiva do ardil que todo desenho, desde que produzido por mão sábia, traz dentro de si.⁸



Fotos: Euler Andrés Ribeiro

Boizinho, escultura em aço, 16x28x16,5cm, 2004
Coleção da artista
Composições de Euler Andrés a partir de duas esculturas iguais



Fotos: Eliana Andrés Ribeiro

S/ título, esculturas orgânicas em aço, 16,5x23x10cm; 14,5x19x9cm; 12x23,5x13,5cm; 16x24,5x10,5cm; 14,5x21x9cm; 2008
Coleção da artista

⁸ FARIAS, Agnaldo. *Maria Helena Andrés – Da Ardilosidade da Linha*, São Paulo, abr. 2005. Apresentação do catálogo *Desenhos Concretos*, referente à exposição da artista na Galeria Léo Bahia Arte Contemporânea, Belo Horizonte, maio 2005.



Em 2005 foi criado o Instituto Maria Helena Andrés (IMHA) em Entre Rios de Minas, hoje com sede no Condomínio Retiro das Pedras, em Brumadinho. O Instituto tem como objetivo catalogar, conservar e divulgar a obra da artista, além de promover ações e intercâmbios culturais no Brasil e no exterior. Entre outras atividades já foram promovidos quatro Festivais de Inverno, por meio de Leis de Incentivo à Cultura, com recursos da Gerdau Açominas, e o Projeto Música para Todos, na região de Entre Rios de Minas, no Campo das Vertentes, bem como as exposições *Linha e Gesto*, em Belo Horizonte, e *Fotografia e Natureza*, em Nova Lima.



Fotos: Héder Godinho

Arte/Yoga/Ecologia, uma das oficinas do I Festival de Inverno de Entre Rios de Minas, jul. 2006



Fotos: Júlio Margarida

Apresentação do *Maracatu Lua Nova*, um dos eventos de encerramento do II Festival de Inverno de Entre Rios de Minas, jul. 2007



Fotos: Júlio Margarida

Música para todos, Ponto de Cultura em Entre Rios de Minas

2005

- Ilustração *Os Descaminhos do São Francisco*, de autoria de Marco Antônio Coelho
Editora Paz e Terra, São Paulo

2007

- Publicação da 2ª edição de *Pepedro nos Caminhos da Índia*
Editora C/Arte, Belo Horizonte

2009

- Retrospectiva
Maria Helena Andrés – Linha e Gesto
Palácio das Artes – Belo Horizonte
- Participação no grupo de artistas construtivos brasileiros que integra a Coleção Adolpho Leirner, adquirida pelo *MFAH (The Museum of Fine Arts, Houston)* no Texas, EUA



Foto: José Carlos Motta Júnior

Fantasia de Ritmos, óleo s/ tela, 50x69 cm, 1958
Acervo The Museum of Fine Arts, Houston

2015

- Publicação da 3ª edição de *Os Caminhos da Arte* Editora C/Arte, Belo Horizonte
- Exposição *Fotografia e Natureza* na Lemos de Sá Galeria de Arte – Nova Lima

Esta exposição coletiva com os artistas Eymard Brandão, Jayme Reis e Pedro Àriza Gonzales, com curadoria de Marília Andrés Ribeiro e expografia de João Diniz, marcou a inauguração da sede do IMHA, em Brumadinho, MG.



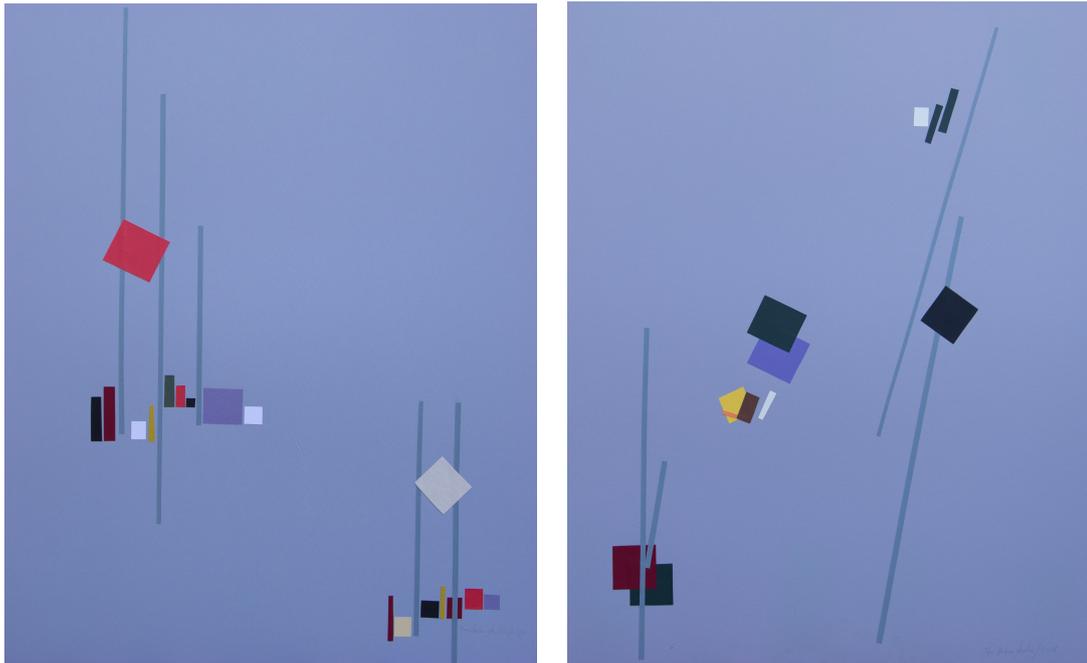
Foto: Maria Helena Andrés

- Exposição *Maria Helena Andrés: pinturas, esculturas e projetos*, na Galeria da Escola Guignard – Belo Horizonte, realizada em comemoração aos 70 anos da Escola.

2017

- Exposição *Eterno Retorno de Maria Helena Andrés*, na Asa de Papel Café e Arte – Belo Horizonte

Essa exposição, realizada em parceria com o IMHA, mostra o início da série de colagens da artista.



Fotos: Walmir Gois

S/ título, colagens s/ papel, 102x82cm; 102x82cm, 2018
Coleção da artista

- Exposição *Maria Helena Andrés – A Construção da Cor*, na Galeria Carminha Macedo – Belo Horizonte
- Homenagens

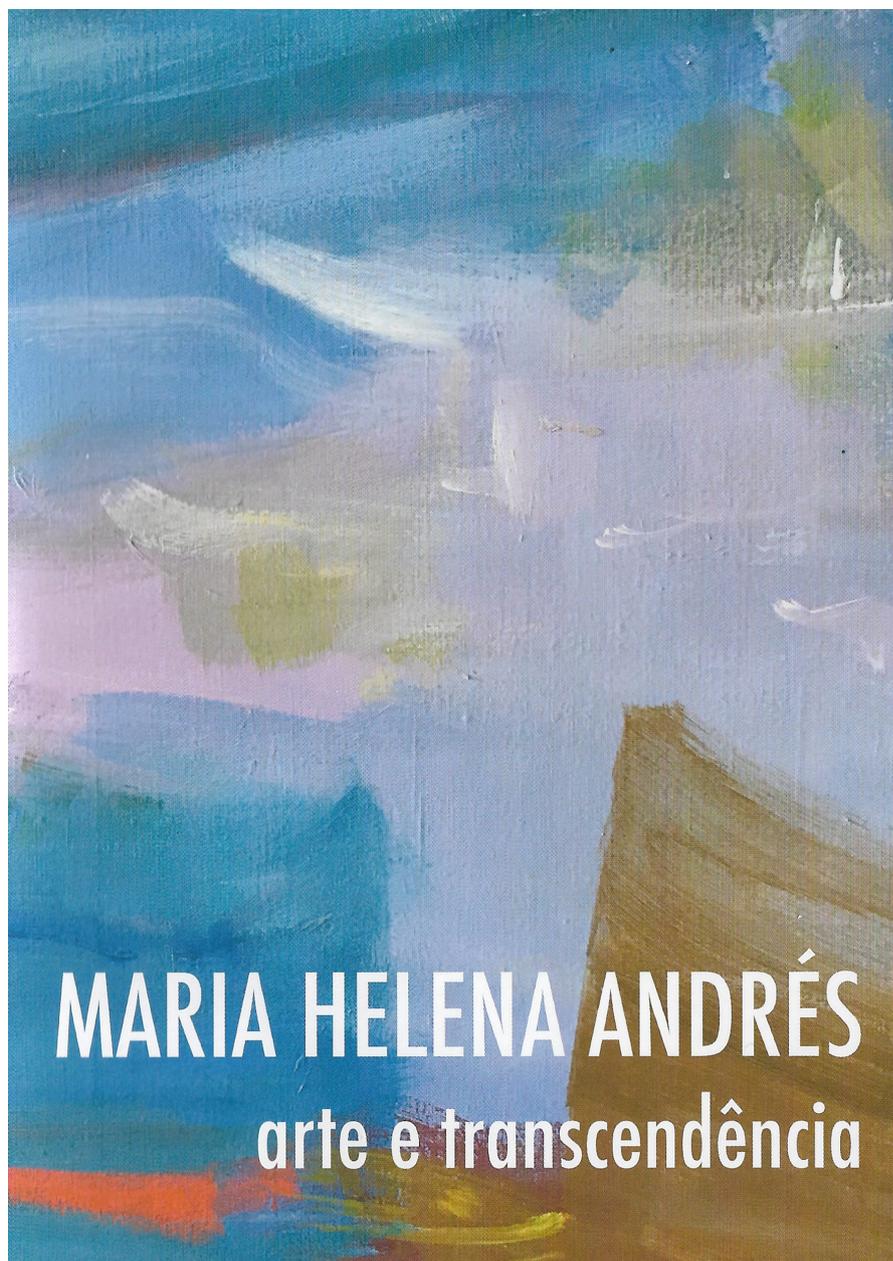
Professora Emérita da Escola Guignard – Belo Horizonte

Prêmio da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) – São Paulo

2018

- Lançamento do documentário *Maria Helena Andrés – Arte e Transcendência*, no Cine Belas Artes – Belo Horizonte.

Este filme, viabilizado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura, dirigido por Evandro Lemos da Cunha e Danilo Vilaça, com a colaboração de uma equipe formada por familiares da artista, focaliza toda a sua trajetória como artista plástica, escritora e arte-educadora.



- Inauguração do Jardim das Esculturas do Instituto Maria Helena Andrés (IMHA), no condomínio Retiro das Pedras, com esculturas da artista produzidas por Paulo Mendes dos Santos



Foto: Eliana Andrés Ribeiro

- Homenagem
Seminário *Arte Concreta e Vertentes Construtivas*, realizado pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), Laboratório de Ciência da Conservação (LACICOR-UFMG) e Getty Foundation, UFMG – Belo Horizonte.



Foto: Marília Andrés Ribeiro

2019

- Palestrante na exposição *Construções Sensíveis: A Experiência Geométrica Latino-Americana na Coleção Ella Fontanals-Cisneros*, realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), em parceria com o Jardim Canadá Centro de Arte e Tecnologia (JACA)
- Exposição *Maria Helena Andrés – Colagens e Serigrafias*, na Galeria do Teatro da Cidade – Belo Horizonte.

2020

- Ilustração do e-book *A Água Fala*, de autoria de Maurício Andrés e Aparecida Andrés, lançado no Mutirão (*online*) de Entre Rios de Minas.



Fotos: Maria Helena Andrés

Maria Helena realizou em toda sua trajetória artística mais de cem exposições individuais e coletivas – entre elas, dez individuais no exterior.

Nos últimos anos, o processo criativo da artista continua acompanhando o seu movimento de vida, que busca cada vez mais a interioridade e se afasta de compromissos externos. A idade não significa impedimento para que ela continue seu trabalho com qualidade.

“Meu caminho é múltiplo, às vezes desenho; outras, faço maquetes de esculturas, colagens, e, no momento, estou me interessando por postar artigos no meu *blog* na internet”.

Desde 1980, Maria Helena reside num condomínio no município de Brumadinho, próximo a Belo Horizonte. O contato com a natureza e a prática de *Yoga*, que fazem parte do seu dia a dia, com certeza têm proporcionado momentos favoráveis à continuidade de suas atividades como artista e como escritora até os dias de hoje.

Eliana Andrés Ribeiro
Belo Horizonte, Março de 2021

Texto
Eliana Andrés Ribeiro

Pesquisa Iconográfica
Elena Andrés Valle

Diagramação
Eliana Andrés Ribeiro
Walmir Gois

Fotografias
Adriana Moura
Cecília Figueiredo
Eliana Andrés Ribeiro
Euler Andrés Ribeiro
Héder Godinho
José Carlos Motta Júnior
Júlio Margarida
Maria Helena Andrés
Maurício Andrés Ribeiro
Marília Andrés Ribeiro
Walmir Gois

Revisão
Mariângela Ramos Pimenta

Assessoria Técnica
Walmir Gois



CULTURA E
TURISMO



MINAS
GERAIS

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO

